

Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação

10

*Cartography as methodological strategy:
inflexions for research in education*

Marilda Oliveira de Oliveira*
Cristian Poletti Mossi**

Resumo: O presente artigo objetiva refletir acerca de possíveis inflexões ofertadas pela proposta metodológica amplamente conhecida como Cartografia. Procurando cumprir tal intuito, primeiramente, explanaremos minimamente de que se trata a perspectiva cartográfica e em que ela difere de outros modos de fazer pesquisa, baseados, sobretudo, no impacto epistemológico conduzido por Deleuze e Guattari – propositores desse conceito – no campo da filosofia e que acaba por respingar no que concerne à produção investigativa na área das ciências humanas, em geral, e especialmente no campo da educação. Nesse sentido, o conceito de Rizoma proposto pelos autores (DELEUZE; GUATTARI, 1995) pode ser útil para entendermos de que se trata tal giro filosófico/epistemológico. Posteriormente, utilizando como motor reflexivo a imagem da intervenção artística “Espiral do Conhecimento” (2011) de André Dalmazzo – intervenção essa proposta em uma aula de Metodologia da Pesquisa em Educação (Seminário de Tese/Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria) – pretendemos inferir algumas noções e estender nossa reflexão acerca de inflexões que pesquisas em educação permeadas por traços metodológicos cartográficos parecem apresentar. Três questões/inflexões foram selecionadas para serem desenvolvidas no texto, a partir do evento citado. São elas: primeiramente, o incômodo causado na turma mediante uma situação inusitada; a seguir, a

* Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/CE/UFSM). Doutora em História da Arte. Mestre em Antropologia Social, ambos pela Universidad de Barcelona – Espanha. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura – Diretório CNPq (GPAEC). *E-mail:* marildaoliveira27@gmail.com

** Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista da Capes. Mestre em Artes Visuais. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GPAEC). *E-mail:* cristianmossi@gmail.com

questão de que para cada um que se embrenhou no espaço da sala de aula tomada pela intervenção artística “Espiral do Conhecimento”, a experiência ocorreu de uma forma, contudo, fazer tal afirmativa não se trata de reduzir os pontos de vista a mero subjetivismo e, finalmente, a questão/inflexão que nos parece cintilar da experiência relatada diz respeito à complexidade do evento de pesquisar e à construção investigativa como uma produção a partir de fragmentos, sobras, vestígios. Desses três apontamentos concluímos que a Cartografia (como estratégia metodológica) parece criar inflexões de acordo com os terrenos múltiplos que o pesquisador encontra, desdobrando-se por esferas e caminhos que oferecem material para a produção de sentidos e composições diversos.

Palavras-chave: Pesquisa. Educação. Rizoma. Cartografia.

Resumen: El presente artículo objetiva reflexionar acerca de posibles inflexiones ofrecidas por la propuesta metodológica en general conocida como Cartografía. Buscando cumplir con tal fin, primero expondremos mínimamente qué es la perspectiva cartográfica y cómo se diferencia de otras formas de hacer investigación, basadas principalmente por el impacto epistemológico realizado por Deleuze y Guattari – proponentes de este concepto – en el campo de la filosofía y que acaba por salpicar en las producciones investigativas del área de las humanidades en general, y especialmente en el campo de la educación. En este sentido, el concepto del Rizoma propuesto por los autores (DELEUZE Y GUATTARI, 1995) puede ser útil para que entendamos de qué se trata tal giro filosófico/epistemológico. Por último, utilizando como motor reflexivo la imagen de la intervención artística Espiral del Conocimiento (2011) de André Dalmazzo – propuesta en una clase de Metodología de la Investigación en Educación (Seminario de Tesis Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa María) – intentamos inferir algunas nociones y ampliar nuestra reflexión acerca de las inflexiones que investigaciones en educación permeadas por rasgos metodológicos cartográficos parecen presentar. Tres cuestiones/inflexiones fueron seleccionadas para ser desarrolladas en el texto, a partir del evento citado. Son ellas: inicialmente, la molestia causada en la turma mediante una situación inusitada, a continuación la cuestión de que cada uno que entró en el espacio de la sala de aula ocupada por la intervención artística “Espiral del Conocimiento”, vivió la experiencia de una forma distinta, sin embargo, hacer tal afirmación no se trata de reducir los puntos de vista a mero subjetivismo y, finalmente, la cuestión/inflexión que nos parece cintilar de la experiencia relatada dice respecto a la complejidad del evento de investigar y a la construcción investigativa como una producción a partir de fragmentos, sobras, vestígios. De estas tres notas concluimos que la Cartografía (como estrategia

metodológica) parece crear inflexiones de acuerdo con los terrenos múltiples que el investigador encuentra, se desplegando por esferas y caminos que proporcionan material para la producción de varios sentidos e composiciones.

Palabras-llave: Investigación. Educación. Rizoma. Cartografía.

Primeiros traços cartográficos: agrimensando o terreno das investigações em Ciências Humanas

É recorrente no cenário acadêmico de produção de investigações no campo das ciências humanas – onde, vale dizer, se inscrevem as pesquisas em educação – a discussão que busca evidenciar, para além das demarcações entre natureza quantitativa e/ou qualitativa das pesquisas, quais os métodos mais adequados para a produção das mesmas, ou seja, quais caminhos seriam mais adequados a fim de levar a cabo os objetivos previamente propostos, respondendo, assim, aos questionamentos e aos anseios investigativos.

Poderíamos afirmar que os métodos, os procedimentos e os traçados de caminhos possíveis rumo aos dados e aos resultados produzidos pelas investigações estão, de certa forma, ligados à natureza investigativa, levando em conta que, enquanto as pesquisas quantitativas se preocupariam mais com *scripts* preexistentes e com a produção de dados mais padronizados pertencentes aos universos matemático e estatístico, as investigações, do ponto de vista qualitativo, se afirmariam em detrimento de procedimentos mais abertos, dispostos ao acaso e à invenção processual. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010).

Atravessando transversalmente tais intuítos de fixação binária (qualitativo/quantitativo), surge especialmente a partir da obra *Mil platôs* escrita por Deleuze e Guattari – publicada no Brasil, nos anos 90 (séc. XX) – um modelo de pensamento/conceito intitulado pelos autores de “Rizoma” o qual nos apresenta outras possibilidades metodológicas, nos remetendo, assim, ao princípio da Cartografia como perspectiva processual de investigação. Muito superficialmente, mediante tal frente de trabalho, a distinção entre natureza qualitativa e natureza quantitativa, embora ainda pertinente, se mostra insuficiente visto que, além de utilizar dados de diversas naturezas e mesclá-los na produção de resultados para as pesquisas que as autorizam, compreende que as realidades se expressam

de maneiras amplamente complexas, não cabendo ao pesquisador reduzi-las a elementos de uma só natureza. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010).

Contudo, ainda que a perspectiva cartográfica de pesquisa entendida como estratégia metodológica apresente possibilidades de ampliação na produção de investigações no campo das Ciências Humanas, há de se levar em conta que a mesma, quando proposta por Deleuze e Guattari, em *Mil platôs*, tinha intuítos muito específicos. Os autores escreviam em uma França dos anos 60, 70, 80 condicionados por, em alguns casos, uma forte renúncia ao viés epistemológico do estruturalismo, em outros, por uma postura de ampliação de algumas iniciativas e correntes de pensamento propostas por tal movimento de pensamento, ou *tais movimentos de pensamento* se considerarmos que não houve apenas um estruturalismo, mas diversas dianteiras que configuraram múltiplos estruturalismos, conforme afirma Sales (2006). Ou seja, Deleuze e Guattari se propunham a travar uma luta armada contra o pensamento continuísta/causal do campo da história contra o sentido oculto/obscuro a ser desvelado no campo da linguística, contra o insciente psicanalítico e contra a filosofia hermenêutica/interpretativa.

Pautado por esse plano de pensamento, o presente texto tem por trave refletir acerca de possíveis inflexões ofertadas pela proposta metodológica amplamente conhecida como Cartografia, tomando por base que as pesquisas na contemporaneidade não teriam mais por que renunciarem drasticamente a um passado ou se chocarem de frente com certas perspectivas de trabalho – algo que é bastante justificável em determinado momento histórico, mas que perde força se pensarmos na pluralidade de pensamentos presentes atualmente nos mais variados campos do saber – mas assegurar reflexões implicadas em promover o diálogo entre diferenças sem, no entanto, sucumbi-las em níveis iguais. Nesse sentido, o pensamento científico pós-moderno possui entre suas características, segundo Romagnoli “a humildade epistemológica ao não perseguir a verdade, a busca de ferramentas úteis para o entendimento do mundo e o abandono da ideia de um lugar privilegiado a partir do qual podemos compreender definitivamente as relações que nos circundam”. (2009, p. 168).

Para tanto, primeiramente, explanaremos minimamente sobre de que se trata a perspectiva cartográfica e em que ela difere de outros modos de fazer pesquisa, baseados, sobretudo, no impacto epistemológico conduzido por Deleuze e Guattari no campo da filosofia e que acaba

por respingar no que concerne à produção investigativa na área das ciências humanas, em geral, e especialmente no campo da educação. Nesse sentido, o conceito de Rizoma proposto pelos autores (DELEUZE; GUATTARI, 1995) pode ser útil para entendermos de que se trata tal giro filosófico/epistemológico. Posteriormente, utilizando como motor reflexivo a imagem da intervenção artística “Espiral do Conhecimento” (2011) de André Dalmazzo – intervenção essa proposta em uma aula de Metodologia da Pesquisa em Educação (Seminário de Tese/Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria) – pretendemos inferir algumas noções e estender nossa reflexão acerca de inflexões que pesquisas em educação, permeadas por traços metodológicos cartográficos, parecem apresentar.

A paisagem que se modifica: sulcar outros caminhos para a pesquisa em educação

Na introdução de sua obra *Mil platôs* – livro publicado em cinco volumes, no Brasil de 1995 a 1997 – Deleuze e Guattari (1995) lançam a noção de Rizoma que, para além de um conceito, é também um modelo de pensamento para pensar o próprio pensamento e o modo com que nos deslocamos cognitivamente ante as plurais realidades que atravessamos. Que caminhos tomamos nesse deslocamento? Que configurações assumimos e o que somos capazes de produzir nesses atravessamentos?

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Em se tratando de ponderar acerca do percurso de uma investigação, como nos dobramos e desdobramos mediante os contextos em que atuamos, como pesquisadores embasados por nossas questões investigativas, a noção de Rizoma nos remete à perspectiva cartográfica

como forma de sulcar caminhos em uma paisagem em constante movimento, observada e registrada por olhos e mãos que, a cada instante, não são mais os mesmos: o *eu*-pesquisador também é inseparável do que pesquisa, portanto, é uma realidade tão efêmera quanto sempre em devir. Nesse sentido, os pontos de partida e de chegada são o que menos importa em se tratando de um meio, de um entre, que é permeado por velocidades repletas de potências.

Para minimamente compreendermos quais são os impactos da frente de pensamento deleuzeana/deleuzeguattariana nos modos de fazer pesquisa a partir da noção de Cartografia, nos parece válido lançar um olhar, ainda que rápido, ao giro proposto por esses autores nos modos de produzir filosofia, entendendo que ambas se tratam de instaurações conceituais sempre inacabadas no campo do saber.

Ainda que Deleuze e Guattari tenham escrito pouco ou quase nada a respeito da educação especificamente, e mesmo muito pouco acerca do ato de produzir pesquisa, de pesquisar, as noções, as práticas e os conceitos problematizados por esses autores têm impactado diversas investigações não só no campo educativo, mas também nas pesquisas decorrentes das ciências humanas, em geral, nos últimos anos. Arriscamos pontuar que tanto os modos de investigar (esfera metodológica) como de pensar a investigação (esfera epistemológica) sulcam caminhos nunca antes vistos e reconfiguram novas paisagens *pensamentais*. Corazza (2012) nos ajuda a formular a questão: *Quem são esses autores e o que, mesmo sem querer, querem do campo educacional e da produção de pesquisas no mesmo?*

Talvez, uma das principais ponderações do pensamento deleuzeano, por diversas vezes associado às formulações do psicanalista e também filósofo Félix Guattari (em *Mille plateaux*, em *Qu'est-ce que la philosophie?* e em *Pourparlers*, por exemplo) é expandir na filosofia uma iniciativa anticartesiana que pretende deslocar o cogito “penso, logo existo” – que coloca o *eu* plenamente consciente, unívoco e autônomo no centro dos processos cognitivos em busca de interpretar uma realidade estável – no intuito de empreender estruturas do pensar de outras ordens, que desconsideram um inconsciente fixo.

Ponderando que pensar algo é também inventar o objeto pensado e, é claro, o próprio observador – os quais não se apresentam dissociados um do outro – Deleuze e Guattari (1992) afirmam que, ao invés de a filosofia propor modelos conceituais para re(a)presentar a *realidade* (historicamente causal e linear), ela se proporia, primordialmente, à

criação de conceitos sobre um *plano de imanência*. Ou seja, cunhar-se-iam realidades plurais e flexíveis, atravessadas por multiplicidades e intensidades minoritárias, como *acontecimentos*, que se destinam a operar a partir do presente, em um plano pertencente ao aqui e agora, distantes de planos superiores de apuramento cognitivo e de *transcendência*.

Diferentemente do que se observa na filosofia clássica, na filosofia deleuzeana/deleuzeguattariana, o pensamento não é visto como algo natural e inato ao ser humano (“Penso, logo existo”) identificando-o como uma espécie mais apurada diante das outras. O pensamento seria, por assim dizer, algo a ser acionado, violentado por diferentes encontros e afecções, associado ao próprio pensamento. (LEVY, 2011).

Portanto, para além de redimensionar os modos de produzir filosofia, a virada acima descrita reconduz de forma diversa as possibilidades de compor e produzir pesquisas nas ciências humanas e, dessa forma, no campo da educação, remostrando o que seria o próprio pensamento, o próprio pensar.

O mapa da pesquisa ou a pesquisa como mapa

No que resulta uma pesquisa para além de seus resultados? Em um texto encadernado? Em modelos, métodos, saberes, conceitos, entre outros, que serão reproduzidos e remodelados por outras práticas e investigações futuras? Destarte, antes de pensarmos em sua materialidade propriamente dita, podemos afirmar que toda pesquisa implica a ideia de uma seleção que é feita mediante dados de diversas naturezas, a fim de dar conta de um percurso, de uma trajetória complexa. Mas isso, somente, por si – seu resultado físico – não define o que é a pesquisa nem a que ela se propõe, tampouco o modo/método como ela é produzida: seu processo.

A Cartografia como estratégia metodológica insurge justamente da necessidade de métodos que não apresentem somente os resultados finais da pesquisa desconsiderando os processos pelos quais a mesma passou até chegar à sua instância final, mas que acompanhem seu percurso construtivo sempre em movimento e o percebam como algo incompleto, transitório e que multiplica as possibilidades ao invés de restringi-las. A pesquisa, por assim dizer, é sempre um mapa que possibilita múltiplas entradas e onde é possível transitar livremente, agrimensando um terreno em permanente mutação.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa é uma questão de performance. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

A ação investigativa, nesse sentido, não se apresenta somente como uma possibilidade representativa de realidades, nem como algo a ser interpretado, no sentido de um objeto que oferece verdades e significados ocultos esperando por serem desvelados, mas como uma antiestrutura inventiva, rizomática, que oferece elementos a serem experimentados e sempre recriados na superfície.

De acordo com Romagnoli (2009), a ciência no Ocidente se funda especialmente na migração do polo religião (Deus) para o polo razão (ciência determinista, matematizada, fundamentada em leis e baseada em esquemas de eficácia e rendimento), a fim de explicar os fenômenos sociais e naturais. Segundo a autora, os pressupostos básicos dessa ciência são a objetividade, a causalidade, a sistematização e a produtividade – ação do homem sobre a natureza –, e o sujeito que produz tal ciência é neutro, plenamente consciente, racional, soberano em relação aos fenômenos, implicado com o progresso e a totalidade do mundo.

Morin (1983 apud ROMAGNOLI, 2009) infere que o paradigma moderno de ciência é o paradigma da simplificação, já que opera por redução e gera, por sua vez, uma leitura simplificada, ordenada e fragmentada da realidade, ou seja, através de uma operação de disjunção, onde objeto e meio são separados, isolados, acaba-se por acarretar categorias e disciplinas que não interagem entre si. Nesse sentido, portanto, a Cartografia propõe aproximar-se de uma realidade complexa vista como abordagem não dualista (não há separações entre natureza/cultura, natural/artificial, objeto/sujeito, etc.), com uma postura sempre questionadora com relação às abordagens tradicionais de produção de conhecimento. Entendendo a palavra complexidade não como sinônimo de algo difícil ou incompreensível, mas aprendido como algo que não se reduz a unidades simplistas de explicação, requerendo olhares plurais para poder ser experienciado.

Se as realidades plurais e complexas que investigamos são como terrenos a serem agrimensados, e se nós e tais paisagens estamos constantemente nos modificando, a Cartografia, como estratégia para produzirmos pesquisas às quais nos propomos, considera mais o percurso da viagem do que os pontos de partida e/ou chegada. Para cada um que explorar certo terreno a paisagem será diferente, e tal constatação não se trata de mero subjetivismo, visto que cada paisagem também produzirá um observador diferente que só poderá ver o que lhe é possível momentaneamente.

Sendo assim, talvez não possamos dar conta da perspectiva cartográfica com *um* método, mas como um conjunto metodológico que não é decidido *a priori* e que surge, vai sendo inventado, no decorrer do caminho, na própria caminhada, de acordo com as necessidades instauradas pelo relevo imposto pelo percurso. Passamos a pensar não mais em um método (*metá-hódos*) – como um conjunto de metas para atravessar seguramente o caminho – mas um *hódos-méta* – entendido como instauração de instrumentais possíveis no próprio caminhar. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010).

Desse modo, conhecer algo não se limita somente a reconhecer, ou re(a)presentar algo, mas significa também criar/inventar aquilo que se conhece, assim como produzir a si próprio nesse processo. A Cartografia passa a ser não só uma estratégia metodológica, mas também uma postura do pesquisador diante de sua própria vida.

Sobre inflexões para enfrentar o campo de pesquisa

Em uma certa manhã de outono de 2011, os acadêmicos da disciplina Seminário de Tese I – disciplina componente da grade curricular do Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – tiveram uma grata surpresa. Um de seus participantes, André Dalmazzo, havia preparado, no intuito de problematizar os textos que iriam balizar as discussões inerentes à disciplina naquela manhã, uma intervenção artística na sala de aula que estava programada para ocorrer no encontro.

Assim que doutorandos e professores abriram a porta da sala e entraram, não encontraram por lá o que se espera de uma sala de aula comum, como mesas e cadeiras dispostas de forma organizada. A sala

estava tomada por inúmeros copos plásticos com a boca para baixo, arranjados em forma de espiral no chão. Por cima deles e amarrados nas cadeiras da sala que circundavam a grande espiral, atravessavam-se fios de lã vermelhos, formando uma espécie de emaranhado (figura 1).

Figura 1 – Detalhe da intervenção “Espiral do Conhecimento” (2011)



Fonte: Acervo do autor.

A reação da turma foi imediata: imensa surpresa e dificuldade de enfrentar aquilo que se impunha aos seus olhos. Alguns que ali estavam chegaram até a sugerir que a turma fosse ter aula em outro espaço, com o intuito (que não era suficiente) de não destruir a intervenção que o colega André Dalmazzo intitulara “Espiral do Conhecimento”.

O que aqueles copos faziam organizados naquele lugar? Estariam dispostos para a aula, ou teriam os alunos entrado na sala equivocada? O que copos plásticos e fios de lã estariam fazendo numa sala de aula dispostos daquela maneira? O que copos plásticos e fios de lã teriam a ver com pesquisa? O que teriam a ver com acadêmicos buscando um título de doutorado em educação?

Tesouras em mãos, professores e alunos decidiram não fugir do desafio que se colocava e optaram por adentrar a obra. Cortavam os fios e empurravam os copos para o centro da sala no intuito de produzir com aquele espaço e com aquela materialidade outras possibilidades de ocupação.

O estranhamento com aqueles objetos fora de seu contexto, somado ao medo da desordem, quase os fez fechar a porta, virar as costas e procurar outra sala a fim de ter aula. Uma aula provavelmente igual a todas as outras que tiveram até então, ou que ao menos a maioria estaria tendo nas tantas outras salas de aula ao seu redor. Naquele dia, a aula foi diferente: em torno dos copos e dos fios de lã que se amontoavam no centro da sala surgiam concepções de pesquisa e inúmeras relações de grande potência para se pensar a própria ação de pesquisar.

Procuraremos resgatar algumas delas, pontuando-as, conforme é nosso objetivo no presente texto, em relação às inflexões que insurgem mediante a perspectiva metodológica da Cartografia. Para atender a tal intuito, selecionamos três questões/inflexões que desenvolveremos a seguir.

Primeiramente, a questão/inflexão que nos parece importante é a do incômodo causado por uma situação fora do esperado. Pesquisamos não para conhecer o que não conhecíamos antes e assim nos tornarmos melhores e mais apurados em determinados assuntos, mas para colocarmos em movimento instâncias que estavam, ao menos para nós, estagnadas, estabelecidas, dadas. O trabalho do cartógrafo é sempre na superfície, ainda que não superficial. Ele procura vivificar seus campos de pesquisa e os instrumentais com os quais trabalha de uma potência de vida que se confunde com a sua própria, visto que também é constantemente produzido em meio a essa ação complexa.

Assim, voltemos ao que nos propõem Deleuze e Guattari no que concerne à produção filosófica: o pensamento é algo que precisa ser acionado, acoplado ao próprio pensamento. É preciso que algo nos incomode a ponto de nos sentirmos violentados para podermos pensar e produzir conceitos. Nesse sentido, toda pesquisa é um enfrentamento não pacífico com temáticas, problemas e posicionamentos metodológicos que se mostram adequados para corresponder aos nossos anseios. Tal enfrentamento diz respeito não só ao embate com as situações que nos desacomodam e nos colocam a pensar, mas também com a defesa de perspectivas e pontos de vista que acabam por nos produzir mediante o

terreno em que adentramos. Perspectivas e pontos de vista que são revistos constantemente, visto que, se o horizonte está sempre em mudança, nossa chegada é sempre provisória.

Outra questão/inflexão que nos parece emergir é a de que para cada um que se embrenhou no espaço da sala de aula – tomada pela intervenção artística “Espiral do Conhecimento” – a experiência se passou de uma forma, contudo, fazer tal afirmativa não se trata de reduzir os pontos de vista a mero subjetivismo. Pensar que para cada um ocorreu de modo diverso, simplesmente porque cada um de nós é uma pessoa diferente, seria considerar, ao modo do paradigma moderno já citado, que há sujeitos plenamente formados, estáveis, conscientes e racionais, que executavam a ação. Desse modo, para cada um foi uma experiência diferente simplesmente porque cada um também estava se flexionando, se dobrando sobre si mesmo diferentemente e via o que podia ver no momento, pensava o que podia pensar e formulava as acepções que eram possíveis.

Como pondera Costa,

nossas ferramentas teóricas são como óculos, lentes, que nos permitem enxergar algumas coisas e não outras. Nossas perspectivas de análise não nos ajudam apenas a compreender um problema, elas nos ajudam a compor o problema. Ao problematizarmos um determinado campo, objeto ou fenômeno, nós estamos inventando algo novo com as nossas “lentes”. (2006, p. 72-73).

Poderíamos, portanto, afirmar que, ao pesquisarmos algo, também estamos inventando aquilo que pesquisamos, e mais: inventando também a própria forma de pesquisar. Em se tratando de pensar a perspectiva cartográfica, isso se impõe de forma mais clara, visto que os arsenais de que dispomos vão sendo produzidos no próprio caminhar.

Uma terceira questão/inflexão que nos parece cintilar da experiência relatada diz respeito à complexidade do evento de pesquisar e à construção investigativa como uma produção a partir de fragmentos, sobras, vestígios. Tradicionalmente, as pesquisas ditas acadêmicas foram construídas, como afirmado anteriormente, mediante padrões de neutralidade e distanciamento com relação aos objetos investigativos. Sendo assim, as realidades pesquisadas precisavam ser vistas como totalidades facilmente manipuláveis, mensuráveis, interpretáveis. Imaginar que a ação

investigativa é uma composição a partir de sobras coletadas no caminho, no enfrentamento do campo aberto da pesquisa, muitas vezes, pode assustar dada a carga de responsabilidade abonada às pesquisas e aos pesquisadores como *descobridores* de verdades universais e irrevogáveis.

Contudo, com as inúmeras transformações epistemológicas que vêm sofrendo a ciência, o que temos podido perceber é que as realidades não são tão simples e tão pouco complexas e que aprisioná-las em respostas tão diretivas é, de certa maneira, reduzi-las demasiadamente, é castrá-las de suas infinitas possibilidades. (KINCHELOE; BERRY, 2007). O que nos parece resultar das pesquisas que desenvolvemos é um imenso emaranhado de fragmentos compostos com o que nos é possível momentaneamente.

Retomando o evento descrito, podemos pensar que, em nossas pesquisas, inúmeras vezes, a vontade é de fechar a porta e ir embora, procurar um lugar seguro, igual aos tantos outros lugares em que estivemos até então, ou pelo menos, seguir em frente sem ser importunado pelos limites, pelas tensões, pelo desconforto gerado na falta de uma ordem. Acabamos, em alguns momentos, procurando verdades estáveis, grandes achados que estavam ocultos só esperando serem encontrados. Do que por vezes não nos damos conta é que a tal “ordem” a que chamamos de *normalidade* também é uma invenção, uma convenção, e que, por assim dizer, pode ser revista, reinventada e reinterpretada quantas vezes quisermos. E que a desordem não é nada além do que outra ordem. Não nos damos conta de que os enfrentamentos que nos violentam pelo caminho são os mesmos que nos colocam a buscar modos de composição singulares, que nos produzem constantemente. Também não prestamos atenção aos fragmentos que reluzem prenes de possibilidades produtivas e de tensionados diversos.

A Cartografia (como estratégia metodológica) parece criar inflexões de acordo com os terrenos múltiplos que o pesquisador encontra, desdobrando-se por esferas e caminhos que oferecem material para a produção de sentidos e composições diversos. Nota-se que não se trata de simplesmente revogar o passado continuísta, causal, interpretativo da pesquisa, mas de engendrar-se nesse mesmo passado para ampliar suas possibilidades. É certo que a própria Cartografia, como conjunto de métodos, ou melhor, como possibilidade para mirar o(s) objeto(s) investigativo(s) como campo aberto, não se condiciona a uma definição atemporal ou a um arsenal de instrumentos fixos. É preciso que, ainda

que nos oferecendo uma novidade em comparação aos modos mais tradicionais de fazer pesquisa, ele se redesenhe constantemente.

Referências

- CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para a pesquisa em educação. *Revista Digital do LAV (UFMS)*, Santa Maria, ano 5, n. 8, p. 1-19, 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/revislav/article/view/5298>>. Acesso em: 18 mar. 2013.
- COSTA, Marisa Vorraber. O magistério e a política cultural de representação e identidade. In: _____. *O magistério e a política cultural*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2006. p. 69-92.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen. *Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Apresentação. In: _____. *Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 7-16.
- ROMAGNOLI, Roberta C. A Cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade*, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.
- SALES, Alessandro Carvalho. Deleuze e a lógica do sentido: o problema da estrutura. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 219-239, 2006.

Submetido em 30 de junho de 2013.
Aprovado em 25 de junho de 2014.